



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 3 | JUL-SET 2020

JOÃO CABRAL DE MELO NETO: ÉTICA, ESTÉTICA E POÉTICA

Raimundo Expedito dos Santos Sousa
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, BRASIL

Bruno Henrique Alvarenga Souza
Universidade Federal de Ouro Preto, BRASIL

Luiz Lopes
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

Texto integral

O açúcar cristal, ou açúcar de usina, mostra a mais instável das brancuras: quem do Recife sabe direito o quanto, e o pouco desse quanto, que ela dura. Sabe o mínimo do pouco que o cristal se estabiliza cristal sobre o açúcar, por cima do fundo antigo, de mascavo, do mascavo barrento que se incubava; e sabe que tudo pode romper o mínimo em que o cristal é capaz de censura: pois o tal fundo mascavo logo aflora quer inverno ou verão mele o açúcar.

João Cabral de Melo Neto

A vizinhança gráfica entre ética e estética há muito suscita conjecturas em torno do liame conceptual entre os termos, haja vista a provocadora asserção de um filósofo da envergadura de Ludwig Wittgenstein (1922, p. 183; tradução nossa): “Ética e estética constituem uma só unidade”. Outra declaração controversa coube, já nos idos de 1987, ao poeta russo-estadunidense Iosif (Joseph) Aleksandrovich Brodsky, em discurso quando laureado com o *Prêmio Nobel de Literatura*:

Em geral, toda nova realidade estética torna a realidade ética do homem mais precisa. Pois a estética é a mãe da ética; as categorias ‘bom’ e ‘mau’ são, em primeiro lugar e acima de tudo, estéticas, precedendo etimologicamente as categorias ‘bem’ e ‘mal’. Se na ética nem ‘tudo é permitido’, é precisamente porque nem ‘tudo é permitido’ na estética, porque o número de cores no espectro é limitado. O bebê terno que chora e rejeita o estranho ou que, ao contrário, vai ao seu encontro, age instintivamente, fazendo uma escolha estética, não moral (Brodsky apud SOUSA, 2018, p. 18).

Se a ligadura encerrada nos respectivos vereditos de vínculo sinonímico e parentético implica, em ambos os casos, radical esgarçamento de balizas conceptuais, noutros tantos o ajuizadamente peremptório cede passagem, antes, a indagações sobre complexidades desse liame (cf. SPIVAK, 1988; LEVINSON, 1998). Sob a premissa de que a poética, para além de sua inarredável dimensão estética, encerraria uma inflexão ética, esta coletânea busca perscrutar, em apreciação da literatura de João Cabral de Melo Neto, possíveis confluências entre essas três instâncias. Afinal, o escritor pernambucano se notabilizou, a um só tempo, pelo engajamento crítico e reflexivo, pela visualidade plástica de sua poesia e pela singularidade intelectual de sua escritura, balizada pelo *leitmotiv* das “duas águas”, quais sejam, a comunicação e a expressão. Precisamente porque João Cabral concebia sua poética como que cindida entre um eixo racional, reflexivo e estético, e outro político, crítico e ético, consideramos que o cotejamento desses eixos favorece uma miríade de abordagens teóricas, críticas e analíticas.

Em seu número inaugural, na altura de 2012, a revista Macabéa homenageava o cinquentenário de João Guimarães Rosa com dossiê dedicado à literatura rosiana. Desde então, os números seguintes revelam pendor ora para abrangência temática, ora para tópicos axiais dos estudos linguísticos e literários.

Neste 2020, ano de exceção em que vivenciamos um dos períodos mais sombrios na história de nosso país e do mundo capitalista, comemoramos também o centenário de um dos nossos maiores poetas. Desta feita, a revista remonta ao escopo de seu número inicial para comemorar o centenário de João Cabral na forma deste dossiê temático seguro de que, em tempos de negacionismo, descrédito da razão, fanatismos políticos e religiosos, sua poesia cerebral, crítica e engajada ratifica uma vez mais a vocação da arte em lançar luz solar à mais escura das noites.

No 2020 em que seu centenário coincide com o de outra artífice da linguagem, Clarice Lispector, a potência simbólica da sua escritura justificaria, *per se*, as loas que se lhes entoam. Na galeria dos alquimistas da palavra, João Cabral extrai de elementos do plano trivial, como o feijão e o açúcar, potência sígnica para transfiguração metafórica do processo criativo e de impasses éticos, estéticos e poéticos aí implicados. Arestas do espólio parnasiano, o rigor formal e o rastreio da palavra exata são pedras de toque com que o poeta, à feição do ourives, aquilata seu processo criativo. Em seu método, o *tour de force* do literato encontra paralelo, bem sabemos, na diligência do catador de feijão, porque um e outro a paciência prezam: “Catar feijão se limita com escrever: / joga-se os grãos na água do alguidar / e as palavras na da folha de papel; / e depois, joga-se fora o que boiar” (MELO NETO, 1967, p. 16). A faina de lançar fora os grãos que emergem à superfície, porque ocos, tem equivalente metalinguístico no exercício de burilar a estrofe com supressão das palavras vazias, porque sem substância. Essa estranha delícia de João Cabral pela sofreguidão do processo depurador se exprime, sintomaticamente, no fascínio pelo braqueamento do açúcar à custa de laboriosa refinaria que lhe empresta uma pureza algo volátil, porque sujeita à aparição do seu fundo escuro recalçado, qual o Eu superegoico em face das investidas do Id, como se vislumbra no poema cujo excerto epigrafamos e cujo título, “Psicanálise do açúcar”, se nos afigura revelador.

Os artigos enfeixados nesta seção fazem justiça ao zelo cabralino pela palavra afiada na medida em que operam no nível do detalhe. Bruno Alvarenga Souza abre o dossiê com **O pensamento contra: recusa e afirmação em Psicologia da composição com a Fábula de Anfion e Antiode, de João Cabral de Melo Neto**. Na esteira das proposições de Nietzsche e Deleuze em torno das noções de recusa e afirmação, o pesquisador examina três poemas nos quais vislumbra a disjunção de

Cabral em face de lugares-comuns acerca do fazer poético e procede a uma leitura contrapontística em relação a um estado da arte balizado, não raro, pelo prisma da negatividade como viga-mestra da *poyesis* cabralina. Assim, divisa um para-além dessa negatividade que, a bem dizer, não é senão etapa de um processo criativo que aparta a artesanaria literária do solo comum donde germina a poesia convencional e a inscreve num terreno inteiramente outro.

Os dois artigos que se seguem têm como horizonte analítico retrair complexas linhas de influência imbricadas na obra cabralina. Ana Claudia Ferreira Martins de Souza, em **Graciliano Ramos: o autor em dois capítulos perdidos**, adota procedimento exegético no qual o célebre poema de João Cabral dedicado a Graciliano Ramos é cotejado a dois capítulos de **São Bernardo**, romance seminal do escritor alagoano, de modo a sondar, na estrutura dos versos, a arquitetura romanesca conforme a lavraria João Cabral, estivesse ele no lugar do mestre a quem homenageia. Já Pedro Henrique Viana de Moraes, no artigo **Orides Fontela e João Cabral de Melo Neto: lucidez e despersonalização poéticas**, segue a trilha do comparatismo literário para perquirir a poética cabralina em estreita fricção com a de Orides Fontela. Assim, rastreia a indefectível autoridade do escritor em nossa poesia até a obra rigorosa de Orides Fontela, poeta que resgata no deserto a lança poética do impessoal e do racional e a arremessa adiante, estabelecendo um novo paradigma para a poesia construtivista brasileira.

Com invulgar finura no escrutínio das miudezas que escapam ao olhar não treinado, os dois artigos seguintes, cada qual à sua maneira, lançam fachos de luz sobre dimensões socioespaciais da poesia de João Cabral em exegese atenta às instâncias ética e estética de uma vertente cujo temário do Nordeste, *lato sensu*, ou do Recife, *stricto sensu*, instiga leituras de extração sociológica. Com notável fôlego analítico, Robson Deon, em **Festa na Casa-grande, um poema de rigor ético & estético**, cumpre à exaustão a providência de esmiuçar o poema que nos remete ao célebre livro do conterrâneo Gilberto Freyre. Numa abordagem de corte sociológico, o autor imerge no profundo tanto do poema quanto do entorno em que foi escrito e sobre o qual versa: as paisagens topológicas e humanas periféricas. Nesse prisma analítico assumidamente engajado, o pesquisador como que diseca o poema em hermenêutica atenta à realidade material sob cujas bases se erige o texto poético –

a da gente miserável de outro Nordeste que não o das elites latifundiárias. Tal leitura contesta a concepção de poesia como atrada à noção de subjetividade, visto que aqui João Cabral renuncia ao ensimesmamento em favor do olhar *para fora*. Da inflexão geográfica por que se notabiliza a poesia cabralina também se ocupam Wilck Camilo Ferreira de Santana e Sherry Morgana Justino de Almeida, cujo artigo **Uma cidade erguida em poesia: imagens poéticas do Recife em João Cabral de Melo Neto** investiga as funções imagética e simbólica da cidade nos versos cabralinos, sobremaneira no poema **O cão sem plumas**. Em exegese de invulgar disposição à cata de miudezas, os pesquisadores empreendem uma *close reading* que mapeia a transfiguração do Recife para o patamar da palavra na artesanaria do anatomista da cidade.

Se bem que contumazes, os cinco artigos não miram o esgotamento das possibilidades hermenêuticas dos poemas em apreço e, ainda que assim o desejassem, a peleja com a potência da palavra por fim os abateria. Tampouco este dossiê retém a totalidade da obra de um literato tão prolífico nem a linha-mestra da triangulação ética-estética-poética se impõe como *parti pris* teórico. Afinal, como homenagem, o dossiê se pretende não apenas celebratório, mas, *a fortiori*, convidativo para que novos estudos se inscrevam na fileira que levará, mais tarde, à celebração do bicentenário de um dos mais áureos poetas da língua portuguesa.

Referências

LEVINSON, Jarrod. Introduction: aesthetics and ethics. In: LEVINSON, Jarrod (Ed.). **Aesthetics and Ethics: Essays at the Intersection**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 1-25.

MELO NETO, João Cabral de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.

SOUSA, Raimundo Expedito dos Santos. **Danação da nação: legados coloniais e projetos nacionais (Portugal & Brasil / Inglaterra & Irlanda)**. 2018. 402p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary (Eds.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. Urbana: University of Illinois, 1988, p. 271-313.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.; New York: Harcourt, Brace & Company, 1922.

Para citar este artigo

SOUSA, R. E. dos S.; SOUZA, B. H. A.; LOPES, L. João Cabral de Melo Neto: ética, estética e poética. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 3., 2020, p. I-VI.

Os Autores

RAIMUNDO EXPEDITO DOS SANTOS SOUSA é doutor em Estudos Literários (Teoria da Literatura e Literatura Comparada) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor substituto de Língua Portuguesa e Literatura no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

BRUNO HENRIQUE ALVARENGA SOUZA é doutorando em Estudos Literários (Teoria da Literatura e Literatura Comparada) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor substituto de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

LUIZ LOPES é doutor em Estudos Literários (Teoria da Literatura e Literatura Comparada) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Língua Portuguesa e Literatura no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e do Programa de Pós-graduação em Linguagens, da mesma instituição.